

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA**

NATÁLIA SILVA AMARAL

**O TRABALHO COM GÊNEROS TEXTUAIS NO MATERIAL DIDÁTICO E NAS
PRODUÇÕES DO SEGMENTO EJA - EAD – SEMI- PRESENCIAL E SUAS
FINALIDADES SOCIAIS**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

**CURITIBA
2015**

NATÁLIA SILVA AMARAL

**O TRABALHO COM GÊNEROS TEXTUAIS NO MATERIAL DIDÁTICO E NAS
PRODUÇÕES DO SEGMENTO EJA - EAD – SEMI- PRESENCIAL E SUAS
FINALIDADES SOCIAIS**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, pelo Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr^a. Joscely Maria Bassetto Galera

CURITIBA
2015



TERMO DE APROVAÇÃO

ALUNO: Natália Silva Amaral

Polo: Polo Osasco

TÍTULO DA MONOGRAFIA:

A importância da Leitura nas Práticas Sociais e suas Finalidades no Segmento EJA - EAD – Semi- Presencial.

Esta monografia foi apresentada às **12:00:00 PM h** do dia **12/5/2015** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no curso de Especialização em **Ensino de Língua Portuguesa e Literatura** da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, **Campus Curitiba**. O candidato foi argüido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho:

1		Aprovado
2	x	Aprovado condicionado às correções Pós-banca, postagem da tarefa e liberação do Orientador.
3		Reprovado

Professora Joscely Maria Bassetto Galera

UTFPR – PR

(orientador)

Professora Alice Atsuko Matsuda

UTFPR – PR

Prof. Joao Mansano Neto

UTFPR – PR

OBS: O DOCUMENTO ORIGINAL ENCONTRA-SE ARQUIVADO NA SECRETARIA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA.

RESUMO

AMARAL, Natália Silva. **O trabalho com gêneros textuais no material didático e nas produções do segmento EJA – EAD – Semi-presencial e suas finalidades sociais**. Curitiba, 2015. 23 fls. Monografia. (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba, 2015.

Este estudo apresenta os elementos que constituem o processo de aprendizagem e leitura com diferentes gêneros textuais no segmento da ‘Educação de Jovens e Adultos’, na modalidade de ensino a distância, da área do conhecimento de códigos e linguagens. Pretende-se apresentar como se constitui esse processo através de diferentes textos, tomados como base no material didático analisado, e também se os alunos realizam as associações dos gêneros textuais ao conceito da leitura em seu dia a dia, em suas práticas sociais ou, se os textos se apresentam fragmentados, sem o olhar da sua função social. Ainda, procura-se verificar como se dá a produção dos alunos, por meio da leitura dos gêneros com base no relato dos docentes.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Leitura. Escrita. Gêneros Textuais. Práticas Sociais e Aprendizagem.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	PORQUE ESCREVER SOBRE A LEITURA E A ESCRITA NA EJA	7
3	A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA MODALIDADE À DISTÂNCIA	9
3.1	A leitura como prática social associada ao ensino e aprendizagem da EJA	9
4	A IMPORTÂNCIA DO TRABALHOS COM GÊNEROS TEXTUAIS	12
4.1	Material de estudo no trabalho com as tipologias textuais e gêneros textuais..	13
4.2	Alguns exercícios propostos no material didático	15
5	A PRÁTICA DO TRABALHO NO SEGMENTO SEMIPRESENCIAL DO ESTUDO REALIZADO	21
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
	REFERÊNCIAS	24

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa tem por finalidade apresentar e discutir a importância da leitura e escrita na Educação de Jovens e Adultos por meio dos gêneros textuais. A investigação é resultado de leitura bibliográfica a respeito das práticas sociais de leitura e escrita no processo de ensino e de aprendizagem durante a fase adulta.

A pesquisa será realizada com base no material didático do segmento de Ensino Médio da área do conhecimento de Códigos e Linguagens da EJA por parte dos monitores, que é oferecido em uma Instituição de Ensino do Estado de São Paulo. O estudo acontecerá no período de um semestre, correspondente ao tempo mínimo para eliminação da área do conhecimento. Os sujeitos desta pesquisa serão alunos matriculados na área acima mencionada. Mediante o roteiro de estudo, analisaremos alguns textos propostos nos exercícios, além disso, será analisado a metodologia utilizada e será confrontada, oportunizando, assim, estudos e ações concretas no que se refere ao processo de leitura.

Acredita-se que a pesquisa possui grande valor no sentido de mostrar os principais problemas motivos da ineficiência na construção de metodologias que criem condições para o desenvolvimento dos níveis de leitura, além de contribuir para uma aprendizagem significativa daqueles que retomaram os estudos. Para tanto, serão utilizadas referências bibliográficas de autores como Paulo Freire 1989, 2006 e 2009, Marisa Lajolo 1991 e 1994, Emília Ferreiro 1985 e 1990, entre outros.

Deste modo, esta pesquisa analisará como se dá o processo de aprendizagem através dos gêneros textuais através do material didático fornecido, bem como possíveis problemas encontrados durante o processo de retomada de leitura de jovens e adultos. O processo de investigação será feito a partir da análise de material didático, depoimento do professor e análise comparativa dos dados que serão coletados, para identificar os fatores que possibilitam a ocorrência de métodos que colaboram ou que prejudicam o desenvolvimento da leitura nas práticas sociais, a fim de diagnosticar se os textos propostos serão familiares aos alunos e lhes somaram novos conhecimentos.

2 PORQUE ESCREVER SOBRE A LEITURA E ESCRITA NA EJA

Escrever sobre leitura e escrita na Educação de Jovens e Adultos parece um recurso indispensável à prática social, visto que, tanto a leitura, quanto a escrita são usadas pelos alunos na comunicação no cotidiano, por isso o contato com texto social é imprescindível para um sujeito construir significação, sobretudo, porque neste segmento o aluno deverá ter autonomia, conduzir a própria aprendizagem e ter hábito da leitura, porém, conforme dados analisados pelo IBGE, que retratou a leitura no Brasil, através do Ibope em 2012. Apenas da metade da população brasileira se considera leitora de livros, sendo uma média de quatro livros anuais. O dado parece mais assustador, quando nada menos que 75% das pessoas entrevistadas admitiram nunca terem frequentado uma biblioteca. Com essa pesquisa, percebemos que no cenário brasileiro, a prática da leitura deixa a desejar de modo geral. Agora, tratando-se de um público que não concluiu seus estudos no tempo determinado, podemos nos deparar com tantas outras dificuldades que ocasionam essa não prática da leitura, além da leitura com significação, que vai além do saber ler, mas compreender o que a leitura nos diz, dentro de um contexto.

Hoje não basta apenas codificar e decodificar símbolos, é necessário entender os significados do uso da leitura e da escrita em diferentes contextos, por isso Soares (2005, p. 32) assevera que:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita se dá simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização, e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só pode desenvolver-se no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização.

O prazer da leitura é um fenômeno singular, por isso deve ser estimulado em todos os níveis de ensino. Porém, em muitas escolas, a prática da leitura consiste apenas na repetição mecânica, ineficaz e não atrativa da leitura de textos que não proporcionam a real importância da leitura no âmbito escolar e social. Portanto, faz-se necessário um olhar atento dos educadores, para investirem nas práticas de leitura durante o processo de aprendizagem, uma vez que para que ocorra a formação de leitores e escritores autônomos, é necessário despertar o prazer pela leitura e criar motivação para que esse processo seja significativo, de acordo com Freire (1989, p 12.): “A memorização mecânica da descrição do elo não se constitui em conhecimento do objeto. Por isso, é que a leitura de um texto, tomado como pura descrição de

um objeto é feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura, nem dela, portanto resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala. ”

Claro está que a leitura fragmentada, sem contextualização, tomada apenas as partes, isto é, sem conhecer o todo ou os possíveis sentidos nas entrelinhas, permanece até hoje no cotidiano escolar dos alunos, a partir de métodos de memorização, leituras pré-estabelecidas e impostas que constroem esse cenário.

Ainda sobre este mesmo enfoque, Marisa Lajolo (1985) enfatiza que a leitura não consiste em decifrar, como num jogo de adivinhações, pois o sentido de um texto se dá a partir do próprio texto, sendo capaz de atribuir-lhe significado, conseguindo relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, ou seja, a leitura não é apenas um amontoado de palavras capaz de compreender uma simples escrita, mas carrega em si um significado, que conversa sobre o mundo e ao indivíduo cabe a construção de significados que esse texto lhe proporcionará.

Freire 2008 também enfatiza que a leitura de mundo, que precede sempre a leitura da palavra, é associada à forma de ver o mundo, logo, compreende-se que ao realizar uma leitura, o leitor faz associações com os conhecimentos prévios, de modo que as novas leituras estão sempre associadas às vivências do leitor, ou seja, não há separação entre leitura escolar e contexto social, não podemos dissociar uma da outra. Nesse sentido, Freire (2008) ressalta que:

[...] tanto no caso do processo educativo quanto no ato político, uma das questões fundamentais seja a clareza em torno de a favor de quem e do quê, portanto contra quem e contra o quê, desenvolvemos a atividade política. Quanto mais ganhamos esta clareza através da prática, tanto mais percebemos a impossibilidade de separar o inseparável: a educação da política. Entendemos então, facilmente, não ser possível pensar, sequer, a educação, sem que se esteja atento à questão do poder (FREIRE, 2008, p. 23-24)

Posto isto, o educador deve estar consciente do papel que exerce neste processo de retomada do sujeito ao contato com o universo da aprendizagem, julgando as novas fronteiras a serem rompidas, provocando e despertando nos educandos o contato com a leitura, a partir da leitura de textos que interajam com as práticas sociais. Para tanto, é necessário proporcionar ao educando esse contato com o mundo da leitura, para que possa descobrir o sentido mais profundo que o texto literário traz em suas entrelinhas.

3. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA MODALIDADE À DISTÂNCIA

A educação de jovens e adultos está legalmente amparada pelo art. 37 da Lei nº 9394/96 que trata das diretrizes e bases da educação nacional. A EJA (Educação de Jovens e Adultos) é uma modalidade específica criada para atender ao público de jovens e adultos que não concluiu os estudos no tempo previsto na modalidade de ensino regular. Portanto, prevê que, ao trabalhar com a EJA, o profissional será desafiado a resgatar o processo de ensino e aprendizagem desse aluno.

Por vez, a modalidade de ensino a distância tem sua legalidade amparada no art. 80 dessa mesma lei e no Decreto nº 5.622 de 19/12/05, que o regulamenta, visto que no “Art. 1º § 1º A educação a distância organiza-se segundo metodologia, gestão e avaliação peculiares, para as quais deverá estar prevista a obrigatoriedade de momentos presenciais”. Além disso, esse decreto, além de definir legalmente a educação a distância, prevê a oferta dessa modalidade na educação de jovens e adultos, pois segundo o “Art. 2º A educação a distância poderá ser ofertada nos seguintes níveis e modalidades: I – educação básica, nos termos do art. 30 deste Decreto; II – educação de jovens e adultos, nos termos do art.37 da Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996”.

Em síntese, nesse segmento, o professor cumpre o papel de mediador do conhecimento, ou seja, é aquele que conduz os estudos. Já o aluno deve ser autônomo, visto que parte dos estudos que acontecem fora da sala de aula, o que torna a leitura um fator muito importante no processo de construção do conhecimento.

3.1 A leitura com prática social associada ao ensino e aprendizagem da EJA

Debater sobre a leitura sugere considerar a abrangência e finalidade desse tema nesse momento histórico, sobretudo, quando considerada a importância da leitura social para a formação de um sujeito ativo, participante do contexto histórico no qual está inserido. Por isso, deve se levar em consideração a história, as vivências, o conhecimento de mundo do leitor, para que novos saberes sejam elaborados. Para tanto é necessário trabalhar a questão social que está inserida na leitura significativa deste processo.

De acordo com Martins (1986, p. 07), a leitura é uma das maneiras de compreender o mundo, pois, para a autora, o ato de ler vai além da decodificação de palavras, porque a compreensão do texto torna o indivíduo ativo e participante do mundo. Além disso, enfatiza que a compreensão que se faz da leitura, frequentemente, é realizada por profissionais que se adequaram a um padrão pré-estabelecido e adotam o imposto como a regra mais fácil. Portanto, pode se dizer que muitas das práticas das leituras adotadas não trazem desafios ao aluno, não

propondo sair da zona de conforto, quando o que deveria acontecer é desafios aos educandos para romperem as barreiras do saber. Como a autora expôs seriam as leituras “Pré estabelecidas”, ou seja, praticamente são professores que tratam a leitura como uma simples decodificação de códigos escritos em diferentes bases.

No que se refere ao processo de aprendizagem do aluno da EJA, a Educação de Jovens e Adultos, é preciso considerá-lo um sujeito que tem tempo e ritmo determinados de aprendizagem diferente da criança, uma vez que esse adulto tem um histórico de um tempo longe da escola, podendo até se estender a alguns anos, o que requer do professor uma aptidão para reaproximar o aluno do contexto de ensino aprendizagem.

Mediante esse cenário, o professor que trabalha com EJA depara-se com alunos que se decepcionaram com os estudos porque enfrentaram dificuldades e, por isso, faz-se necessário um trabalho de motivação, proporcionado ao aluno o prazer pelo aprender e, sobretudo, pela leitura.

De acordo com o Caderno de Orientações Didáticas para EJA Língua Portuguesa do Estado de São Paulo (2010), o professor indica uma atividade ao aluno que deverá interpretar o que o professor espera, porém, nesse processo, o professor não é neutro, é um mediano entre a tarefa e o aluno. Desta forma, constata-se a necessidade de um trabalho em que o aluno compreenda a importância da leitura como construção de significados.

Quando se trata de adultos, o problema está ligado a não prática da leitura, os quais não desenvolveram este hábito no decorrer de sua vida, seja no âmbito escolar, seja no âmbito social. De acordo com Caderno de Orientações Didáticas para EJA, o desafio é oferecer condições de superação aos alunos que estão retomando sua vida escolar. Aliás, esses processos têm a finalidade de preparar o indivíduo socialmente, para agir de forma ativa em sociedade.

Ainda, segundo o Caderno de Orientações Didáticas para EJA, o domínio da escrita e leitura é construído na reflexão sobre o uso, por isso, o ensino deve prever situações propícias para que os alunos ampliem habilidades linguísticas, relacionadas às práticas de leitura e de escrita e às situações sociais.

Deste modo, urge que se faça um trabalho voltado para textos com práticas sociais, aos quais habilitem os educandos para se tornarem leitores e escritores críticos, autônomos, que encontrem funcionalidade, capacitados para interpretações dentro dos contextos e previsibilidades que há nos textos, ampliando suas visões de mundo, trazendo para níveis teóricos a sua atividade prática. Por isso Freire (2002), assevera que

[...] abordar a educação de jovens e adultos, hoje, é tentar aprofundar sua história, tentar dar conta de sua origem para compreender melhor sua situação atual, é uma

busca conjunta entre professor e aluno na formação de palavras e temas mais significativos da vida do aluno, familiarizando-o com o seu vocabulário cotidiano.

Semelhantemente, o Caderno de Orientações Didáticas para EJA Língua Portuguesa do Estado de São Paulo, 2010, p 26, esclarece que:

Os modos de representação social, de organização, de estruturação social, resultam de um processo que se fez historicamente de uma língua escrita, de um pensar escrito. Poder ler e escrever, interagir com os textos escritos e com os conhecimentos e informações que se veiculam desta forma, operar com os referenciais que se constituem na tradição cultural da escrita – tudo isso é condição essencial de participação social.

Para Magda Soares, a leitura e escrita tornam-se relevantes à medida em que as atividades sociais e as profissionais tornam-se dependentes da língua escrita. Logo, as práticas tradicionais da alfabetização deixam de ser suficientes para atender esse contexto, uma vez que o “Letramento, entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais: distinguem-se tanto em relação aos objetos de conhecimento quanto em relação aos processos cognitivos e linguísticos de aprendizagem e, portanto, também de ensino desses diferentes objetos. ” (SOARES, 2004, p.20).

A leitura situa o indivíduo socialmente, despertando a consciência de seu papel na sociedade, como ser participativo e crítico. No entanto, para alcançar tal resultado, é preciso que o professor utilize recursos, atividades de leituras que facilitem o ingresso do aluno no mundo da leitura e escrita, de modo eficaz, promovendo a significação da aprendizagem social, e para que isso ocorra de forma efetiva, é necessário que antes do tudo esse profissional tenha anseio pela leitura, ao modo que transmita o mesmo ao educando, como declarou Lajolo: “um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê” (LAJOLO, 1994, p. 108). Em síntese, também defendeu Paulo Freire:

O educador ou a educadora crítica, exigente, coerente no exercício de sua reflexão sobre a prática educativa, ou no exercício da própria prática, sempre a entende em sua totalidade. Não centra a prática educativa, por exemplo, nem no educando, nem no educador, nem no conteúdo, nem nos métodos, mas a compreende nas relações de seus vários componentes, no uso coerente, por parte do educador ou da educadora dos materiais, dos métodos, das técnicas, (Freire, 2009, p. 110).

A ação da leitura abrange desde a decodificação dos símbolos até a análise reflexiva de seu conteúdo. Na educação de jovens e adultos é necessário considerar as vivências do aluno na

construção da aprendizagem, bem como atentar-se à origem para entender melhor a situação dos indivíduos envolvidos no processo de ensino. Em outras palavras, é uma busca entre professor e aluno na construção de significados da vida do aluno, introduzindo os ensinamentos ao seu cotidiano, por isso, a relação professor- aluno não pode ser dissociada, antes na prática educativa tudo deve ser levado em consideração como expôs freire acima.

4. A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO COM GÊNEROS TEXTUAIS

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000) ressaltam ser fundamental que o homem domine a língua oral e escrita para participar da sociedade de maneira efetiva. Percebemos que os gêneros cumprem essa função, já que, o educando percebe a relação do texto “escolar” com o texto “social”, aquele em que tem contato no seu dia a dia, como definiu Marcuschi. Os gêneros contribuem para ordenar as atividades comunicativas do dia-a-dia, como exposto:

Nesse contexto teórico, a língua é tida como uma forma de ação social e histórica que, ao dizer, também constitui a realidade, sem contudo cair num subjetivismo ou idealismo ingênuo. Fugimos também de um realismo externalista, mas não nos situamos numa visão subjetivista. Assim, toda a postura teórica aqui desenvolvida insere-se nos quadros da hipótese sócio interativa da língua. É neste contexto que os gêneros textuais se constituem como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo. (MARCUSCHI, 2002, p. 23)

Percebemos a ação ativa dos gêneros enquanto agente de comunicação e interação, por ser tratar de um texto que o aluno, provavelmente, já teve contato anteriormente. Assim, fica mais fácil de reconhecer sua função prática, já que o propósito comunicativo é dar sentido ao discurso.

Dolz e Schneuwly (1996, 1997) Acreditam que:

Uma proposta de ensino/ aprendizagem organizada a partir de gêneros textuais permite ao professor a observação e a avaliação das capacidades de linguagem dos alunos; antes e durante sua realização, fornecendo-lhe orientações mais precisas para sua intervenção didática. Para os alunos, o trabalho com gêneros constitui, por um lado, uma forma de se confrontar com situações sociais efetivas de produção e leitura de textos e, por outro, uma maneira de dominá-los progressivamente.

Percebemos a função concreta do trabalho efetivo com os gêneros aos alunos, partindo do público aqui exposto, aos quais já são participativos dessa sociedade e, como todo o aluno, já tem seu histórico, conhecimento prévio que neste trabalho será uma forma de reconhecimento do gênero, a fim de um conhecimento progressivo em relação a leitura e escrita desse aluno.

Podemos dizer, como defendeu Coscarelli que trabalhar gêneros na escola traz a ideia do contexto e propõe situações de recepção daquele texto que não poderá ser lido isoladamente, mas trazer a situação real na qual ele será lido e produzido.

4.1 Material de estudo no trabalho com as tipologias textuais e gêneros textuais

Encontra-se em Marcuschi (2008) uma distinção entre Gênero Textual e Tipo Textual. O autor nos fala dos Gêneros Textuais que abordam da materialização dos textos em situações comunicativas, por sua funcionalidade na ação de comunicar-se que por uma sequência linguística.

Os Gêneros podem modificar-se de uma sociedade para outra, de acordo com o contexto histórico. São exemplos de Gêneros: carta pessoal, e-mail, reportagem, receita, bilhete, piada, resenha, entre outros.

Os Tipos Textuais, são marcados por oferecerem como sequências linguísticas. Marcuschi (2008, p.154). É um pouco limitado ao comparar com os gêneros, pois os tipos textuais abrangem as divisões de narração, argumentação, descrição, exposição e injunção. Portanto, percebe-se que na pesquisa relacionada ao material didático trabalha-se tanto os gêneros, como os tipos textuais, no entanto o maior enfoque de avaliação acontece no tipo textual argumentação, como estará exposto a seguir.

Assim que iniciam o Ensino Médio, os alunos participam de uma Oficina inaugural, que incidi na disponibilização do roteiro de estudo junto com os materiais didáticos, o enfoque dos conteúdos relacionados a tipologia textual, dá-se a produção final da última avaliação que corresponde a tipologia do texto dissertativo-argumentativo.

Durante o curso, os alunos têm contato com outros textos como: informativo, argumentativo, dissertativo, com ênfase nos que predominam características do tipo textual dissertativo-argumentativo, o qual fará parte da produção final dos alunos.

O foco é que desenvolvam as habilidades de identificar elementos e estratégias de construção da argumentação e dissertação; identificar a superestrutura e os modos de organização textual; reconhecer a finalidade de diferentes textos; reconhecer o tema e as informações principais.

Os alunos recebem propostas de redação nas cinco avaliações processuais que realizam, além de mais duas Oficinas de produção textual durante o semestre e são também orientados a fazer leituras com o objetivo de melhorar a escrita.

Esse trabalho é um processo que pode durar um semestre ou mais, pois depende do empenho e interesse de cada aluno em desenvolver a escrita e procurar o plantão de dúvidas para suas produções textuais. O roteiro de estudo, disponibilizado no plantão inaugural, segue com os materiais didáticos que correspondem ao estudo da área, sendo esses, livros, caderno de exercícios, além dos materiais disponíveis no portal do aluno como as webs aulas, podcasts, lista de exercícios e indicações de sites e materiais de leituras online.

Para nossa análise do material, observaremos os exercícios propostos com os seguintes textos:

- Gênero textual – Texto informático
- Gênero Textual – Crônica
- Gênero textual – Charge
- Gênero textual – Publicitário
- Tipologia Argumentativa Dissertativa (correspondente a avaliação e avaliação final)

Quanto a última tipologia citada, a Instituição desenvolve um trabalho mais amplo deste conteúdo, uma vez, o tipo textual é requisitado no Exame Nacional do Ensino Médio- ENEM.

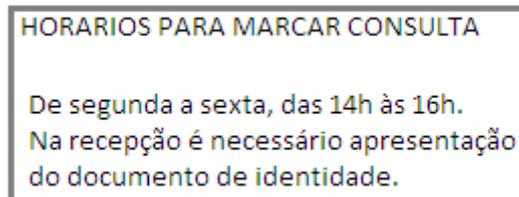
Tendo em vista que alguns dos alunos que retomam seus estudos, pretendem após a conclusão do ensino médio prosseguirem no ensino superior, essa é uma das formas de preparar os alunos para o exame, além da continuidade nos estudos, o ENEM também é adotado para obter o certificado de conclusão do ensino médio para aqueles alunos que atingirem a média mínima em todas áreas do conhecimento, ou adotarem eliminação de matérias das áreas as quais alcançarem a média mínima.

Como o estudo na Instituição se dá por eliminação de matérias e as áreas do conhecimento estão distribuídas de acordo com a estrutura curricular do ENEM, muitos desses alunos acabam utilizando o exame para eliminação de matérias. Pode-se considerar que esse fato explica o porquê o material contempla maiores exercícios para a dissertação argumentativa.

4.2 Alguns exercícios propostos no material didático

A seguir determinados exercícios propostos, nos atentaremos aos gêneros relacionados acima e ao gênero apresentado com maior ênfase na proposta pedagógica que é dada pela Instituição: Argumentativo dissertativo.

Vejamos, no exercício abaixo, o gênero informativo, que traz uma situação do cotidiano:



Esse gênero situa o aluno a algo real, de sua vivência, propondo que o aluno perceba sua funcionalidade como afirmou Marcuschi:

[...] os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa.

Logo após o reconhecimento do gênero, o aluno é levado a citar quais os textos que entendem como informativo e o monitor trabalha através dessa sondagem na construção de reconhecimento, trabalhando aspectos gerais, tais como: quem, o que, quando, onde e por quê?

O questionário da atividade traz três tipos de textos do gênero informativo e pede que o aluno responda as cinco perguntas relacionadas acima, para que o aluno já reconheça como construir esse gênero.

Na sequência, há o gênero crônica e o material traz a crônica “Arroz- doce”, de Walcyr Carrasco. É possível observar que a atividade proposta procura identificar o reconhecimento dos aspectos mais importantes do gênero tais como: estrutura em geral curta, assuntos comuns do dia a dia, pessoas comuns como personagens e com traços rápidos. Assim houve a introdução para que o aluno identificasse o gênero, posteriormente foram feitas perguntas pertinentes ao texto.

O próximo gênero do caderno tratava-se da charge, assim como o gênero anterior, a proposta priorizou caracterizar o gênero ao aluno, situando a proposta de caráter humorísticos

críticos. Nessa proposta é possível perceber o trabalho progressivo, de textos mais voltados para a proposta final da dissertação, momento da escrita final do aluno.

Ainda pensando na proposta final, da argumentação, a proposta da sequência trata-se da área da publicidade. O material define o gênero, traz a história da publicidade brasileira, fala das mídias que o gênero circula, propondo ao aluno pensar em gêneros textuais fora da leitura e escrita apenas do papel. Posteriormente, trabalha a diferença de propaganda e publicidade, trazendo mais uma vez exercícios de reconhecimento do gênero e atividades com diferentes publicidades na forma de questionário dos aspectos do texto tratado.

Ao final do caderno de atividades, o material traz todos os gêneros trabalhados anteriormente e propõe ao aluno identificar e caracterizar os gêneros, justificando com os principais aspectos de cada um.

No caderno de exercícios sequencial, é trabalhado o texto argumentativo, apresentando o que é argumentar e como argumentar, ainda traz uma introdução ao aluno expondo qual a importância de estudar a argumentação. Notamos aqui uma preocupação do material em trazer significado a aprendizagem do educando.

Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz ampliaram o conceito de gênero empregado entre práticas sociais e componentes escolares para escrita de textos. Podemos compreender com essa afirmação que os textos escolares não podem se dissociar das práticas sócias, pois ao trabalhamos com um gênero ou tipo textual, o aluno passa a realizar associação do texto fora do contexto escolar. Percebemos que o material traz algumas justificativas aos educandos do trabalho com argumentação, tais como, compreender que, na sociedade, nem sempre os interesses e as opiniões das pessoas coincidem; descobrir quais são os objetivos da argumentação e identificar as estratégias para construção de uma boa argumentação.

Logo, é apresentado dois textos argumentativos, com um roteiro de análise proposto ao aluno, depois, apresenta-se a estrutura de um texto argumentativo: introdução, desenvolvimento e conclusão e como trabalhar esses aspectos no texto. Adiante é dado ênfase ao trabalho com citações, fatos e como explorar esses aspectos no texto. Ao concluir essa etapa, trabalha-se a argumentação, a partir das críticas presentes no gênero charge, posterior a um novo contato com esses textos. Em seguida, é proposto a primeira produção de argumentação, a partir de uma charge:



(Harper, Babette e Outros. (1984). Cuidado, Escola,

Desigualdade, Domesticação e Algumas Saídas. 14ª Edição. Editora Brasiliense. S. Paulo. Brasil.)

Encontramos no exercício indicado uma progressão dos conteúdos desenvolvidos, já que há um grau de dificuldade, não apenas de produção, mas de interpretação da imagem, no qual o aluno deverá relacionar os conteúdos abordados e contextualizá-los de maneira crítica.

Ainda sobre o trabalho com gêneros, Schneuwly e Dolz (1999, p.10) afirmam que:

Toda introdução de um gênero na escola é o resultado de uma decisão didática que visa a objetivos precisos de aprendizagem que são sempre de dois tipos: trata-se de aprender a dominar o gênero, primeiramente, para melhor conhecê-lo, melhor produzi-lo na escola e fora dela, e, em segundo lugar, para desenvolver capacidades que ultrapassam o gênero e que são transferíveis para outros gêneros.

Neste exercício fica perceptível essa preocupação em conhecer o gênero para satisfatoriamente produzi-lo e relacionar a outros gêneros, além da construção da associação do gênero charge como interpretação e produção do tipo textual dissertativo argumentativo. Se observamos a estrutura do ENEM, exame base para ingresso de muitos alunos em Universidades, e obtenção de certificação no ensino médio, percebemos que é disponibilizado ao aluno imagens, charge e outros textos de diferentes gêneros textuais relacionados ao tema da redação. Portanto, o material contempla essa diversidade de trabalhar junto ao tipo textual de produção os diferentes gêneros textuais.

Na fase de produção, percebemos também a preocupação dos gêneros com teor de assuntos relacionados ao cotidiano, a fim de facilitar a escrita e argumentação dos alunos, com algo que seja próximo da sua realidade, portanto, tivemos a seguinte proposta:

A partir do texto “A última crônica”, de Fernando Sabino, após leitura e retomada do gênero crônica, foi solicitada a produção de uma crônica relacionada aos fatos do cotidiano, que tenha

chamado a atenção do aluno, através da escolha uma fotografia pessoal ou a imagem. O desafio da atividade instiga o educando a refletir sobre algo que tenha observado ou vivido e transcrever através das características do gênero relacionado.

Na sequência, observamos uma outra proposta, a partir do texto completar que segue:

A idade da burrice

Depois dos 45 anos de idade, as chances de conseguir emprego de executivo são mínimas.

De acordo com levantamento da Catho, especializada em recursos humanos, apenas 9% das empresas contratam gerentes acima dessa idade – o levantamento é baseado em entrevistas com

1.356 empregadores.

Se analisarmos, pela mesma pesquisa, a faixa etária de 51 a 55 anos, a média despenca para 2%.

Um degrau acima, de 56 a 60 anos, atinge-se o patamar próximo de zero, mais precisamente, 0,65%.

Esses números revelam a idade da burrice, combinação de preconceito e ignorância. É mais uma face de uma sociedade excludente.

Essa visão excludente é baseada em dados ultrapassados; prática antiga de apontar os mais velhos como imprestáveis e improdutivos. [...]

Se na era da informação o que se valoriza é inteligência e experiência, excluir trabalhadores no auge do seu poder intelectual é sinônimo de burrice.

(Gilberto Dimenstein. Folha de São Paulo, Domingo, 13 de Junho de 1999.)

Após a leitura, o aluno é incentivado a escrever uma dissertação com o tema: Como conseguir um emprego após os 40 anos. O material, pede que o aluno se atente ao gênero em questão e que obedeça a estrutura, além de argumentar com base na leitura realizada o que foi solicitado.

Para Marcuschi (2003, p.3 - 4) os gêneros textuais mostram-se através da oralidade e da escrita, sendo firmados através de situações comunicativas recorrentes, por isso as atividades relacionadas aos gêneros devem proporcionar ao aluno essas situações relacionadas aos seus aspectos cultural e social que estejam inseridas dentro de um contexto.

Dentre as demais propostas que foram analisadas do material didático referente a produção do gênero dissertação, tivemos a indicação a partir de uma música: O que é, o que é? (Gonzaguinha), a qual, pede que o aluno escreva um texto argumentativo, defendendo suas ideias e opiniões sobre a questão tratada de um trecho da música a seguir:

Eu fico com a pureza
 Da resposta das crianças
 É a vida, é bonita e é bonita
 Viver e não ter a vergonha
 De ser feliz cantar e cantar e cantar
 A beleza de ser um eterno aprendiz
 Ah meu Deus! Eu sei, eu sei
 Que a vida devia ser bem melhor e será
 Mas isso não impede que eu repita
 É bonita, é bonita e é bonita
 Viver e não ter a vergonha
 De ser feliz cantar e cantar e cantar
 A beleza de ser um eterno aprendiz
 Ah meu Deus! Eu sei, eu sei
 Que a vida devia ser bem melhor e será
 Mas isso não impede que eu repita
 É bonita, é bonita é bonita
 Composição: Gonzaguinha

Acredita-se que o trabalho nessa produção deverá ter, além da opinião do educando, o embasamento teórico, da sua argumentação, partindo da interpretação da canção dos vários pontos de vista apontados, o da pessoa pessimista, o da pessoa otimista, do olhar da criança, que em sua pureza acha a vida bonita, há crítica, há quem sabe um conformismo, mas há otimismo. A atividade é portanto continuidade da construção do que já foi apresentado nos textos até aqui, com teor reflexivo, crítico para que o aluno compreenda a função do gênero dissertativo argumentativo, uma vez que a construção do gênero se dá na sua aplicabilidade, como foi defendido até aqui, da importância cultural e social, como disse Marcuschi (2003, p.19): “já se tornou trivial a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social”. Percebe-se a diversidade dos textos trabalhos, charges, canções, textos críticos, afim de apresentar além da diversidade que há nos gêneros a sua função social ligada ao cotidiano.

Findando as análises que foram escolhidas para compor essa pesquisa com relação à produção dissertativa, cabe a essa tipologia textual a defesa de ideias, a construção de argumentos e se tratando de um trabalho correlacionado com tudo que o material prevê nos gêneros textuais que foram trabalhados, propõe-se uma leitura de dois textos referente ao

mesmo assunto : “Racismo”, cada qual defendendo sua ideia de maneira diferente. Um retrata um episódio de racismo nos campos de futebol intitulado “Somos todos macacos”, outro retrata a história do racismo e que está tão presente nos dias de hoje com título: “O racismo impregnado no pensamento da sociedade”.

Estimulando o educando a refletir e relacionar suas ideias aos diferentes gêneros trabalhados, agora é solicitado na tipologia textual uma dissertação sobre o tema em questão a partir da figura:



O material de exercícios, propõe ao aluno que produza um texto dissertativo argumentativo: Como construir uma sociedade sem racismo?

A respeito do olhar crítico do aluno, propondo atividades que favorecem a argumentação dos alunos, Freire (2002) destacou que a visão da liberdade aplica sentido a uma prática educativa que só pode alcançar força na medida da participação livre e crítica dos educandos.

Podemos considerar aqui, a proposta da leitura de mundo, como ele é lido e compreendido pelo aluno, que se reflete em suas produções. Por isso, a importância de considerar a bagagem que o aluno possui, sua história, somando os novos saberes aos conhecimentos já adquiridos em sociedade.

Os exercícios propostos dos gêneros, somados às produções, revelam uma soma de saberes construídos como preparação para o momento da redação final, momento ao qual o aluno deverá colocar em prática o que construiu até o momento.

5. A PRÁTICA DO TRABALHO NO SEGMENTO SEMIPRESENCIAL DO ESTUDO REALIZADO

Por trata-se de um estudo semipresencial, o professor direciona os conteúdos e o aluno conduz seu aprendizado, havendo interferência do docente, quando esse aluno frequenta os plantões de dúvidas, ou, as três oficinas que são disponibilizadas aos alunos dessa área com intuito de produção do texto argumentativo dissertativo.

Ao acompanhar a oficina presencial, percebemos que se trata de um exercício de produção do que será exigido na avaliação final. Deste modo, a maneira de o monitor trabalhar os três aspectos da escrita do gênero argumentativo dissertativo: introdução, desenvolvimento e conclusão, ou seja, refere-se a uma oficina de redação. Foi possível detectar que decorrente ao estudo ser semipresencial e somente haver interferência do professor, quando o aluno frequenta os plantões, já que a frequência só é obrigatória nas oficinas e avaliações, fica aberto ao aluno frequentar ou não esses plantões de dúvidas e correções, havendo a ressalva que, o aluno só poderá participar da avaliação final, se houver realizado no mínimo três avaliações processuais, ou seja, percebemos que, somente o aluno com uma disciplina mínima de estudos e disposto a frequentar os plantões de dúvidas, é possível diagnosticar o processo de ensino aprendizado e realizar interferências. Assim como toda construção de aprendizado é necessário que haja interferências do educador, afim de diagnosticar as dificuldades, a propor caminhos para efetiva aprendizagem.

Com isso, a análise do estudo acabou sendo comprometida, já que, não houve um acompanhamento de todo o processo nestes 6 meses se tratando de um grupo específico de alunos, apenas do material didático, que foi apresentado alguns exercícios nesta pesquisa. No entanto, foi possível perceber que, os alunos só percebem a real necessidade da interferência do professor, quando se deparam com seus resultados insatisfatórios na primeira atividade de produção. Assim, percebem suas dificuldades e neste momento, os professores também compreendem quais os aspectos necessitam serem trabalhados com os alunos.

Embora acreditamos que o material analisado tenha um conteúdo adequado ao público, pois os gêneros trabalhados fazem parte de uma situação real, além do progresso em grau de dificuldade no caderno de exercícios, ainda assim, para um público que deixou os estudos em

algum momento, e nesta retomada a aprendizagem, compreendemos que a interferência do docente é fundamental para que o aluno compreenda a razão de cada leitura e produção.

Mas, fica claro que cada vez mais, é exigido do aluno o estudo autônomo, que ele seja capaz de realizar leituras e as produções, a fim de interferir de maneira significativa na vida em sociedade. Esperamos que como ser social, o estudo deve estar vinculado à vida em sociedade.

O educador ou a educadora crítica, exigente, coerente no exercício de sua reflexão sobre a prática educativa, ou no exercício da própria prática, sempre a entende em sua totalidade. Não centra a prática educativa, por exemplo, nem no educando, nem no educador, nem no conteúdo, nem nos métodos, mas a compreende nas relações de seus vários componentes, no uso coerente, por parte do educador ou da educadora dos materiais, dos métodos, das técnicas. (FREIRE, 2009, p. 110)

Para formação do sujeito deve haver interação com o mundo, o educador precisa ser cauteloso ao sentido do que ensinar, do currículo, das seleções metodológicas, pois o educar assume a função social crítica no processo de ensino aprendizagem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da pesquisa realizada, foi possível identificar no material didático analisado a preocupação do conteúdo social nos gêneros analisados, pois, se tratando de um público que pressupõe sua participação ativa em sociedade, os textos propostos não poderiam estar desvinculados desse contexto.

Com base em afirmações de monitores da área de códigos e linguagens, abrangendo o trabalho de correção que é feito junto com os alunos para que eles percebam seus acertos e equívocos no texto, entende-se que, geralmente, são reorientados a refazer o texto e apresentá-lo para uma nova análise até o desenvolvimento das habilidades exigidas.

As dificuldades mais relevantes são com relação a argumentação mais consistente. Os alunos apresentam dificuldades em expor suas ideias com mais argumentos para convencer o leitor. Observa-se também, muitas vezes, a falta de coesão entre os parágrafos, o uso de primeira pessoa e erros de concordância verbal.

Percebe-se significativa melhora nos textos daqueles alunos que se empenham e produzem pelo menos cinco textos durante o semestre e têm o hábito da leitura. Ou seja, embora a proposta do material didático conduza os educados a novas leituras, a produção e a desenvolver habilidades de argumentação, ainda o material didático por si só não é suficiente

para progressão no ensino aprendido, fica claro que há a necessidade de interferências do educador.

Contudo, acredita-se que essa pesquisa mostrou a finalidade do trabalho com gêneros, que situa o aluno aos diferentes aspectos e desígnios no contexto comunicacional, propondo diferentes situações em seu conteúdo com teor social, para que perceba as situações reais envolvidas em seus contextos, como defendeu Marcuschi que a língua exerce atividade social, histórica e cognitiva e constitui a realidade, ou seja, os gêneros tem como intento agir sobre o mundo decorrente a sua variedade textual.

Logo, percebe-se a necessidade de os materiais didáticos promover condições comunicativas, como pressupôs Coscarelli, que ensinar os alunos a ler e produzir diferentes gêneros textuais não deve estar fora de qualquer situação comunicativa, já que a escola deve trazer o contexto de produção, portanto, classificar gêneros e reconhecê-los, embora sejam atividades que ajudem no processo de conceito, esses aspectos por si só, desvinculados de situações reais não exercem a função de funcionalidade com educando, desprendendo de uma aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais Ensino Médio/Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília, 2000.

Caderno De Orientações Didáticas Para EJA Língua Portuguesa Etapas Complementar e Final - Prefeitura Do Município De São Paulo Secretaria Municipal De Educação Diretoria De Orientação Técnica, 2010.

FERREIRO, Emília. **A escrita antes das letras**. São Paulo: Cortez Editora, 1990

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. São Paulo, Cortez, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 16. ed. 2009. **Pedagogia da Autonomia**. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2006.

_____. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1994.

LAJOLO, M. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

Legislações EJA. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/11689869/artigo-37-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>>. Acesso em 09 jun. 2015, às 11h35.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5622.htm Acesso em 09/06/2015 às 12h07.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola: Uma Perspectiva Social**. São Paulo: Ática, 1986.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais1: definição e funcionalidade**

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 1994.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**